

RUI BERTRAND ROMÃO*

O CEPTICISMO EM TEORIA DO SER E DA VERDADE¹

Abstract

This article studies the presence of hitherto unconsidered elements of scepticism contained in three «Introductions» written by the Portuguese philosopher José Marinho (1904–1975) to his chief work *Teoria do Ser e da Verdade* [*Theory of Being and Truth*] of which the *editio princeps* appeared in 1961. These three texts were posthumously published in a volume recently edited by Jorge Croce Rivera.

Key words: Scepticism, being, truth.

Authors: José Marinho.

Resumo

Neste artigo estuda-se a presença de elementos cépticos em três textos introdutórios à *Teoria do Ser e da Verdade*, de José Marinho (1904–1975), escritos na década anterior à edição *princeps* desse livro, dado à estampa em 1961, os quais vieram a ser publicados recentemente por iniciativa de Jorge Croce Rivera.

Palavras chave: Cepticismo, ser, verdade.

Autores: José Marinho.

A vasta e diversificada problemática céptica não se tem mostrado das mais abundantemente tratadas na literatura filosófica portuguesa ao longo dos tempos. As excepções que há, distinguem-se, mais ainda que pela própria circunstância de o serem, por aquilo a que dão origem bem como pelo mesmo interesse filosófico que patenteiam. O caso primeiro e mais conhecido é o da obra neo-latina de Francisco Sanches no dealbar da

* Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade do Porto, Via Panorâmica s/n; 4150-564 Porto. Membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Email: rromao@letras.up.pt

¹ Apresentámos em 16 de Março de 2005, a gentil convite do Prof. Jorge Croce Rivera, uma comunicação homónima deste artigo no Colóquio *José Marinho: a Palavra e a Imagem*, organizado na Universidade de Évora. A partir de tal comunicação elaborámos o presente artigo.

filosofia moderna², e o mais relevante, e porventura um dos menos identificados como tal, na filosofia contemporânea trata-se precisamente do constituído pela *Teoria do Ser e da Verdade* de José Marinho³. Poderia eu, decerto, falar aqui também, e sob uma perspectiva porventura mais global, do interesse, quanto à reflexão céptica e a elementos que têm que ver, de uma ou outra maneira, com o que se entenda, se tem entendido ou se possa entender, por cepticismo, da demais obra de José Marinho⁴. Ir-me-ei concentrar, porém, na *Teoria do Ser e da Verdade*, não apenas por razões de tempo e de metodologia (reservando para próxima ocasião o tratamento do cepticismo na demais obra de Marinho) e por se tratar da densa obra prima que ela é, mas sobretudo por o cepticismo constituir nela uma multímoda e obsessiva referência e a atravessar como uma presença essencial quer para a sua própria e sempre renovada interpretação, quer no concernente a aspectos relevantes da sua escrita, bem assim como do seu estilo⁵.

Antes do mais, será oportuno neste momento lembrar que sob o mesmo nome de cepticismo a mais de uma corrente e atitude filosóficas é usual se aludir. Distinguiremos agora apenas duas acepções maiores, elas ainda multifacetadas e compreensíveis de modos múltiplos: a de uma atitude teórica de negação e de descrença extremas e radicais, qual a que mais habitualmente ao termo se conota na tradição moderna pós-cartesiana e segundo os moldes definidos pelas *Meditações sobre a Filosofia Primeira* de Descartes; e a de uma corrente filosófica da Antiguidade (de que se conhece mais de uma variante), redescoberta e revivida no período renascentista (de uma maneira bem diversa da antiga mas sem se

² Embora, como é sabido, Francisco Sanches tenha publicado a sua obra (de onde se destaca o *Quod nihil scitur*, vindo à estampa em 1581) em latim e em França, onde de resto viveu a maior parte da sua vida, dada a sua origem nacional, a que pela circunstância de se fazer conhecer como *lusitanus* parece nunca haver de certa maneira renunciado, afigura-se-nos legítimo, seguindo alias a tradição da maioria dos historiadores e comentadores, incluí-lo entre os mais representativos filósofos lusos.

³ Se o pendor céptico da obra não é comumente referido explicitamente, não deixa ele de ser considerado mais ou menos indirectamente e sob outras designações. Um dos exemplos mais salientes é o do estudo de Luísa Couto Soares, «José Marinho, Filósofo da Cisão» que desde a entrada se apresenta como «uma leitura da *Teoria do Ser e da Verdade* como paradigma filosófico de uma via mista, entre aporética e resolutive, entre filosofia transcendental e *philosophia prima*, para a constituição de uma ontologia do espírito» (SOARES, Maria Luísa Couto, «José Marinho, Filósofo da Cisão», in *Análise*, nº 13, 1990, p. 143).

⁴ Como se irá ver ao longo deste artigo a propósito da *Teoria do Ser e da Verdade*, a preocupação com a problemática céptica, encarada no seu mais amplo espectro, é, quer a nível implícito quer a nível explícito, fundamental na reflexão de Marinho.

⁵ Pelas suas particularidades, a filosofia céptica poderá parecer destinada a influenciar de certo modo a sua exposição. Se de um ponto de vista histórico nem sempre isso sucedeu, devem contudo assinalar-se casos onde pelo menos ocorreu a coincidência de uma prática de escrita filosófica *sui-generis* com a adopção de uma orientação céptica declarada. O filósofo português Francisco Sanches constitui a este título um exemplo notável (ver: ROMÃO, Rui Bertrand, *Quid? Estudos sobre Francisco Sanches*, Campo das Letras, Porto 2003, *passim*). Quer nos parecer que a convergência na obra de José Marinho de certas características cépticas com uma escrita deveras única, e de resto brilhante, qual era a sua, se apresenta como uma excelente ilustração da referida coincidência de escrita e orientação.

quebrar de todo o sentido de uma certa continuidade), cuja modalidade mais marcante é constituída pela tradição pirrónica, ela própria múltipla, diversa e que, muitos indícios o apontam, conheceu algumas interrupções ao longo da sua intermitente história⁶.

Se a primeira acepção se trata daquela a que, em geral, José Marinho de modo explícito pelo termo, e por um considerável núcleo de noções e vocábulos associados, entende, ou, pelo menos, aparenta fazê-lo preferencialmente (como, de resto, seria normal que o fizesse, pois era essa a acepção mais habitual e quase exclusiva nos meios filosóficos do seu tempo)⁷, a segunda nos parece a que porventura mais nos poderá revelar, em uma interpretação que em torno dela volteie, acerca da *Teoria do Ser e da Verdade*.

Embora, de algum modo, os dois sentidos de cepticismo não deixem desde o início da *Teoria do Ser e da Verdade* de alguma forma de se misturarem e se interpenetrarem, é o segundo o que nos deve merecer maior atenção. Aparecer-nos-á destarte como deveras marcante a presença do cepticismo suspensivo e indagador dos pirrónicos ao longo das páginas da *Teoria do Ser e da Verdade* e dos percursos de meditação que ela do Autor reflecte e no Leitor suscita, as mais das vezes comportando e transportando, seja explícita seja implícita, a referência a uma ou mais contraposições.

Os aspectos cépticos (e mais concretamente alguns dos mais característicos da forma principal do cepticismo antigo que é a do pirronismo sextiano) que nos parecem os que melhor encontram equivalentes na filosofia da *Teoria do Ser e da Verdade* são: a suspensão de assentimento (*epoche*), a qual se exprime preferencial e emblematicamente pela figura da interrogação; a de alguma forma correlata noção de *zétesis*, termo grego que significa procura, inquirição ou indagação, e que tal como o de *skepsis*, que está no étimo da designação de cepticismo e que quer dizer exame minucioso ou averiguação cuidada, aponta para uma contínua e incessante investigação da verdade, levada a cabo sem o afã de precipitadamente a deter numa formulação definitiva de uma verdade achada de uma vez por todas; e o princípio da *antilogia*, de acordo com o qual, a cada argumento se pode contrapor outro, inferindo-se a *isostenia* ou equipolência das forças em confronto.

A par da figura da interrogação, e de resto com ela se entrecruzando e em grande parte coincidindo, a *zétesis* ou inquirição, é o elemento céptico que com mais facilidade e evidência se encontra nas suas múltiplas formas na obra de Marinho. A sua determinação pode-se mesmo considerar que constitui uma das chaves para a compreensão do seu pensamento.

A imagem da viagem filosófica, ou para melhor o dizer, a conglomeração de imagens e o conjunto de termos que em permanente debruçar-se sobre si reflectem a condição de

⁶ A tensão entre descontinuidade e continuidade atravessa toda a história do pirronismo antigo, desde a figura inaugural de Pírron de Élis e dos seus primeiros discípulos até Sexto Empírico, que deixou o mais acabado corpus textual sobre o cepticismo transmitido à posteridade e que ao mesmo tempo é o último dos pirrónicos antigos de que se tem conhecimento. Uma tensão análoga não deixa também de poder ser detectável no pirronismo moderno.

⁷ Mesmo assim devemos observar, desde já, que Marinho parece utilizar esta acepção sobretudo e apenas como ponto de partida.

viandante do Filósofo, exprimindo a sua itinerância *zetética*, percorre, como é manifesto e sabido (e bem tem sido comentado e glosado⁸), a *Teoria do Ser e da Verdade*. Na «Introdução» essa condição desde logo surge primeiro como caminho, para cedo ser nomeada como viagem e viagem com contornos que a particularizam: «A essa longa viagem mas viagem insituada e permeada de suspensões e perplexidades, no presente escrito se buscou, quanto foi dado, reflectida e meditadamente traduzir⁹», diz aí o Autor. A metafórica viagem é pois encarada como longa, «insituada» e marcada pela suspensão e pela perplexidade¹⁰. Essa viagem, que bem metaforiza o percurso incessante de uma incansável indagação, é de igual modo dita haver sido empreendida e pelo viajante compreendida como o fazendo «defrontar a imensa complexidade do ser e do saber nas extremas formas contrapolares¹¹». Aparece pois aqui a viagem como dificultosa empresa que em si incorpora o movimento suspensivo e o enfrentamento do perplexo e se cumpre como o encaminhar e o reen-caminhar de uma problemática sempre diversa e constantemente enfrentada, colocada, recolocada e reassumida ao longo do seu trajecto. Para mais, realça assim desde logo o Autor o ter-se defrontado com formas extremas em pólos contrapostos.

A *zétesis*, assimilada à instância interrogativa, transparece também e de maneira exemplar e explícita na própria centração de Marinho na interrogação como figura estruturante da sua filosofia. Na «Introdução» publicada da *Teoria do Ser e da Verdade*, Marinho frisa o carácter fundacional e impulsionador que recorrentemente na actividade pensante exerce a interrogação, estritamente associada à própria concepção de teoria por ele apresentada: «... teoria se entende aqui no sentido antigo e tradicional: como visão, mas visão assumida num limite. Nesse limite surge o enigma Do enigma todo o pensamento enquanto tal depende. *À interrogação todo o pensar incessantemente regressa*¹²». Se a interrogação não deixa aqui de ser concebida como implicando necessariamente uma resposta, nem por isso ela fica reduzida a uma funcionalidade de simples pergunta operada teleologicamente, nem perde a sua condição de abertura, o seu sentido de investigação prosseguida em permanência e de questionamento dinâmico: «A interrogação não é, por certo, sem resposta, mas responder será iniludivelmente inválido quando pretenda consistir em conceitos, juízos ou preceitos *válidos de uma vez por todas*¹³». A validade dos juízos e conceitos reconhece-se então como por necessidade provisória. De outra forma, travariam a investigação e significariam o seu fim.

⁸ Baste-nos aqui citar o exemplo do já mencionado artigo de Luísa Couto Soares, em que a Autora frisa que: «Manter-se 'em viagem', prolongar indefinidamente o percurso, protelar continuamente a chegada, o destino final, é o sentido radical do filosofar em José Marinho» (SOARES, art. cit., p.143).

⁹ MARINHO, José, *Teoria do Ser e da Verdade*, Guimarães Editores, Lisboa 1961, p.9.

¹⁰ A escolha destes termos desde logo evocadores da dúvida e da atitude suspensiva cépticas aparentam colocar-se claramente no prolongamento da tematização do cepticismo patente nas «Introduções» à *Teoria do Ser e da Verdade* escritas nos anos 50, nas quais mais abaixo atentamos.

¹¹ MARINHO, *Op. Cit.*, p.9.

¹² MARINHO, *Op. Cit.*, p.13. O sublinhado é nosso.

¹³ *Ibidem*, pp.13-14. O sublinhado é nosso.

Deve, portanto, salientar-se que Marinho associa claramente a figura da interrogação ao processo indagador como elemento fundamental da filosofia: «Toda a filosofia é iniciática, viva enquanto a pensamos, fecunda para aqueles a quem é dado repensá-la, sempre no entanto cingida, enquanto a exprimimos, de finitude, sempre tocada de caducidade¹⁴». A cristalização significará um pensamento dogmático que não se pode absolutizar senão iludindo a sua natureza finita, a circunstância dos limites que o constroem. Se todo o pensamento é efêmero, há que valorizar a condição movente dele, e a concepção da filosofia como um percurso incansável de investigação reflexiva, o qual se prolonga, para lá da estrita esfera do individual, na transmissão do pensamento a quem há que repensá-lo.

A teoria para Marinho possui uma base em que se enraíza, alimentando-se do carácter conclusivo das respostas que vai dando aos problemas e questões enfrentados. Isso, porém, não a faz enleiar-se na cristalização ou perder-se do encaminhamento em que floresce: «A teoria, concludente na sua origem, é inconclusiva na finalidade aberta ...¹⁵»

O elemento zetético, essencial no pirronismo sextiano e em sua caracterização, tanto mais que tende a confundir-se com a suspensão interrogativa, constitui assim uma presença fundamental na filosofia explanada na *Teoria do Ser e da Verdade*.

Mas se a concepção mariniana de filosofia se acha marcada por uma leitura que lhe frisa a vertente zetética e se a teoria é impensável na sua determinação sem a terebrante actividade interrogativa e sem a suspensão do Autor, ou mais bem dito, as suas suspensões (pois elas só se devem pensar no plural em Marinho) recorrentes e cambiantes, suspensões que não constituem escolhos num percurso mais ou menos ordenado, antes, se identificam com o próprio pensamento que se aprofunda fora de qualquer esquema de linearidade, se isto assim ocorre, não deveremos crer que o cepticismo da *Teoria do Ser e da Verdade* apenas se nutra destes elementos.

Diz Sexto Empírico que: «o cepticismo é a capacidade de estabelecer antíteses com as aparências e com as coisas pensadas, seja de que maneira for, capacidade pela qual, em virtude da força igual [*isostenia*] que há nas coisas e nos raciocínios opostos, chega-se primeiro à suspensão do assentimento [*epoche*] e depois à tranquilidade *ataraxia*¹⁶». *Mutatis mutandis*, encontramos um uso alargado da [*antilogia*] na obra de Marinho, sem que, contudo, se possa entrever em tal emprego qualquer coisa de similar do intuito metódico do uso do princípio pelos pirrónicos sextianos, que claramente o subordinam à *epoche*, achando-se esta associada a um propósito eudemonista.

A mesma apresentação das noções que o Autor proclama as essenciais da sua teoria – «visão unívoca», «cisão» e «insubstancial substante» – e daquelas que ele declara «decisivas» – ou seja as de «interrogação fundamental», «patente e secreto na cisão» e «liberdade divina», para já não o referir aqui ao que é convocado pelas próprias noções e

¹⁴ *Ibidem*, p.15.

¹⁵ *Ibidem*, p.14.

¹⁶ SEXTUS EMPIRICUS, *Esquisses Pyrrhoniennes*, édition bilingue grec-français, Introduction, traductions et commentaries para Pierre Pellegrin, Éditions Du Seuil, Paris 1997, pp.56-57.

suas designações (como, afinal, o deixa claro o texto do livro propriamente dito) – essa mesma apresentação, insistindo na triádica arquitectura estruturante da *Teoria do Ser e da Verdade*, além de deixar transparecer a herança hegeliana, frisa-lhe (i.e., à *Teoria do Ser e da Verdade*) o dinamismo de viagem e a importância de que nela se reveste a figuração de contraposições e bipolaridades.

De uma ou de outra forma, estamos, por conseguinte, perante sinais manifestamente alusivos seja à temática céptica seja às correntes filosóficas e aos filósofos que melhor a desenvolveram e expuseram. A estas referências outras se vão acrescentando ao longo da exposição da *Teoria do Ser e da Verdade*, sendo que, tal como elas na obra vão aparecendo e se inserem, será difícil a quem as perscrute e sobre elas reflecta, desde que haja também dedicado algum tempo e meditação à consideração das filosofias cépticas, não releve de imediato a afinidade profunda que entrelaça à filosofia de Marinho a que, menos ou mais distantemente, desta ou daquela maneira, se filia na de Pírron.

Não nos propondo neste artigo um levantamento exaustivo dos elementos cépticos da *Teoria do Ser e da Verdade*, iremos antes agora atentar na presença de tais elementos já em «Introduções» inéditas da *Teoria do Ser e da Verdade*, três datando de 1953, uma de 1955 e a última já de 1960, porquanto nelas José Marinho se mostra sobremaneira explícito nas alusões que faz à filosofia céptica¹⁷, sendo que a sua análise poderá contribuir para uma melhor compreensão do papel do cepticismo na obra-prima de Marinho.

Na primeira dessas «Introduções», o Autor alude ao cepticismo no contexto da sua contraposição ao dogmatismo, mais bem dito, fala do cepticismo como parte integrante do binómio cepticismo/dogmatismo, chamando a essa contraposição separação. Diz ele: «A separação clássica entre cépticos e dogmáticos aparece neste ponto¹⁸ como devendo ser referida. Pois bem, *nós dizemos que não há céptico ou dogmático consequente*. A oposição põe-se e acentua-se, quando se põe o problema do conhecimento e quando se discute pró e contra o sentido do ser, da vida e da existência. Formas ou atitudes diferentes, mais ou menos puras, mais ou menos extremas, podem então surgir com quaisquer designações, desde a antiguidade aos nossos dias¹⁹».

Nota-se aqui a consideração da contraposição como exorbitando do estrito âmbito gnoseológico (apesar de se frisar a sua importância e a sua acentuação a respeito do problema do conhecimento), e como não se achando tão-pouco limitada de um ponto de vista cronológico. Trata-se de uma oposição que, para Marinho, percorre toda a história da filosofia sob diferentes nomes e assumindo diversas formas, ou seja, uma tal que se revela essencial à filosofia no seu desenrolar e desenvolvimento. Ademais, há que

¹⁷ Estes três textos, cuja generosa cedência assinalamos com reconhecimento, fazem parte dos constantes do segundo tomo do nono volume das «Obras de José Marinho», *Teoria do Ser e da Verdade*, edição preparada por Jorge Croce Rivera, (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011).

¹⁸ MARINHO, *Op. cit.*, Tomo II, p. 748. Marinho no parágrafo precedente expusera que tudo quanto existe ou carece de sentido ou o confere.

¹⁹ O sublinhado é nosso.

realçar a atribuição da inconsequência não apenas à atitude céptica mas também à que se lhe contrapõe, como se os dois termos estivessem condenados ao destino simétrico de elementos contrapolares que só no todo que os reúne, enfatizando o antagonismo, adquirem plenitude de sentido. Não se optando, então, por nenhum dos dois elementos, nem pela mera reapreciação de cada qual, a resolução do problema que a contraposição constitui, ou que ela denota, residirá no afastamento, na superação ou na reformulação do todo, declarando-se ambos os componentes como inconsequentes. É justamente o que faz Marinho nesta «Introdução». Muda ele de perspectiva de encarar o todo, por forma a que a separação, que ele, no fundo, já de certo modo apresentara como escondendo alguma unidade, deixe de constituir o insolúvel problema que constitui. Ou mais bem dito, os problemas poderão subsistir mas isso se passa de acordo apenas com uma concepção da filosofia interessada em «conceber, julgar, disputar» que é uma concepção repudiada com firmeza por Marinho como não sendo a sua. A perspectiva da que ele apresenta como sua mostra-se bem diferente, levando a que se reconsidere e se olhe de uma maneira bem nova para a contraposição de que a separação entre dogmáticos e cépticos não passa de um avatar. Assim, esta não mais será que o resultado de um enfoque deficiente porque desvia para o acidental ou secundário a dimensão argumentativa, o olhar do filósofo, o qual, antes, se deveria concentrar no essencial da filosofia: «A filosofia é essencialmente intuição do absoluto, ela consiste essencialmente em intuição²⁰».

Numa outra «Introdução», da mesma época, o Autor chega mesmo a declarar abertamente que abraça o cepticismo, sendo que de modo manifesto aí identifica dúvida e negação: «Nós, tendo partido da convicção inalienável ou suposta tal de que o ser é e é absolutamente e de que essa absoluteidade implica absoluta verdade do ser, viemos a reconhecer o bem fundado da negação e da dúvida céptica²¹». Repare-se na identidade frisada pela concordância, identidade essa que na frase que de imediato àquela se segue é reiterada com a declaração da «adesão» do Autor ao pensamento céptico, aliás identificado como o da maioria dos pensadores²²: «Nós também entrámos no imenso partido dos negadores e dos cépticos²³». Esta entrada não significa, todavia, que Marinho abandone a consideração do par dogmático/céptico como um todo, como uma unidade. Creio bem que neste texto continua a fazê-lo. Simplesmente, a contraposição passa agora a ser compreendida como movimento inserido no tempo com um determinado sentido. Os dois exemplos históricos aludidos reforçam bem esta nova dimensão que a contraposição assume: «Nós também cometemos o ‘parricídio’ de que no *Sofista*, e em relação a Parménides, fala Platão. Assim também, seguindo a nosso pesar o caminho indicado por

²⁰ MARINHO, «Introdução» inédita à *Teoria do Ser e da Verdade*, *Op. cit.*, Tomo II, p. 746.

²¹ *Ibidem*.

²² Explicita-o Marinho: «... não apenas a maioria dos humanos de vária situação e de vária experiência o negam, ou poem em dúvida tal ser ou tal verdade, como o negam ou poem em dúvida a grande maioria dos que pensaram».

²³ *Ibidem*.

Hegel na *Fenomenologia do Espírito*, nós, dogmático por assim dizer conatural, viemos a descobrir o valor do cepticismo²⁴». Reacção inevitável no percurso de uma evolução filosófica, quase diríamos, «bio-filosófica» que parte de uma postura natural para se determinar filosoficamente, a conversão do dogmático em céptico, comparada com a mutação de «inteligência angelical» em «razão humana» e a este avatar da queda metafísica de algum modo assimilada, é curiosa e muito significativamente por Marinho qualificada aqui como «transmutação espiritual»: «A condição do dogmático convertido a céptico, a condição do que perde as celestes asas para sofrer a transmutação espiritual para outro melhor que voar, não é, por certo, alegre²⁵».

A mesma conversão do dogmatismo no seu reverso, o cepticismo, concebida como integrando um percurso evolutivo, aparece no terceiro texto em apreciação, o qual é aproximadamente de igual data e se intitula «Absolutização: tal a descoberta». Vem agora essa conversão referida como «trânsito do dogmatismo ao cepticismo²⁶». Note-se que esta fórmula tende a reduzir fortemente se não mesmo a minimizar a dimensão de metamorfoseamento implicada na «conversão²⁷». Neste texto, segurança e certeza são vistas como o território que constitui o ponto de partida de onde se lança a interrogação filosófica sobre o ser e a verdade. Frise-se que à interrogação confere Marinho uma missão de pensamento abissal: «Este outro abismo que está no espírito e que todo o autêntico pensamento supõe, mal é reflectido de muitos suspeitado²⁸». Também se deve salientar que Marinho aqui patenteia que o seu «cepticismo» não se deve confundir com o cepticismo especificamente gnoseológico, referindo-se ao «problema da verdade» e não ao do «mais restrito problema do saber e do conhecimento do homem²⁹».

A *Introdução* datada pelo Prof. Rivera de «circa 1957» revela-se não apenas uma síntese preciosa da *Teoria do Ser e da Verdade* mas de igual modo um não menos precioso testemunho da fina interpretação por Marinho feita do cepticismo, que vai direito a uma dimensão essencial deste, ultrapassando o constrangimento que a tradição mais usualmente lhe aplica, ou seja, aquele que se pode observar em autores que (no seguimento da tendência de que Santo Agostinho foi um precursor e Descartes, Hegel e Zeller representantes bem conhecidos) interpretam o cepticismo como um momento reactivo e essencialmente caracterizado pela negatividade inerente à perspectiva de uma compreensão evolutiva do crescimento filosófico. Nestas interpretações o cepticismo é mais que outra coisa qualquer um mero momento negativo necessariamente superável e

²⁴ *Ibidem.*

²⁵ *Ibidem.*

²⁶ MARINHO, *Op.cit.*, Tomo II, p. 731.

²⁷ Esta circunstância de o Autor falar em trânsito em vez de conversão faz-me sugerir que este texto poderia ser, na verdade, anterior ao precedente, houvesse outros indícios que o confirmassem.

²⁸ Marinho, «Introdução» inédita à *Teoria do Ser e da Verdade*, *op. cit.*, Tomo II, p. 772.

²⁹ *Ibidem.*

descartável, uma fase no desenvolvimento filosófico que vale sobretudo pela função que desempenha, esgotando-se a si mesmo e ao que nega para dar origem a algo superior. O cepticismo assim não parece ser encarado em si próprio mas tão só perspectivado dentro de um enquadramento teleológico.

A dimensão essencial do cepticismo a que nos referimos reside na incorporação da contradição, a qual, para mais, vem na leitura de Marinho associada a um encaminhamento filosófico centrado na instância interrogativa e na sua aplicação ao primordial e original. Diz José Marinho:

«Assim, eu também, fui levado não a evitar a contradição mas a assumi-la [...] Assumir a contradição e toda a responsabilidade do erro e do mal, eis, não só o que o pensamento secretamente busca, mas eis o pelo que o pensamento se conhece e reconhece. Assim, do mesmo modo que o idealista se torna materialista, veio o dogmático a tornar-se céptico. *Céptico*, porém, *o veio ele a entender então no sentido próprio: não como o que nega*, como se houvesse negar sem afirmar, *não como o que duvida*, como se houvesse dúvida sem crença ou sem descrença, ou relação de vontade e abulia que àquela reduzem; *céptico o veio a entender*, o que aceitou o inevitável dogmatismo iniciático de todo o sentir e crer, saber e perceber, - *como o que interroga e procura infatigavelmente a ciência de interrogar*³⁰».

O Autor substitui aqui, como bem se vê, a interpretação corrente e habitual do cepticismo, como filosofia da negação ou da dúvida a todo o transe, por uma outra bem mais subtil, que o encara na sua vertente interrogativa, a qual é vista como uma via seguida por reacção à falência de um dogmatismo, menos ou mais ingénuo, que não admita a autocontradição como parte de si integrante. Marinho será em grande parte aqui devedor de Hegel mas cremos que vai bem mais longe do que o Estuardino na sua compreensão do cepticismo, aproximando-se singularmente dos autores que, marcados pelo encontro com o cepticismo em sua vertente mais abissal e rica, e na prossecução de uma filosofia própria, melhor desenvolveram a exploração da autocontradição.

O quinto e último texto introdutório à *Teoria do Ser e da Verdade* que temos em consideração é datado por Jorge Croce Rivera de «circa 1957», antecedendo, pois, de pouco a publicação do texto definitivo da obra. Nele como nos anteriores, José Marinho vale-se da contraposição entre cepticismo e dogmatismo para melhor acerrar o leitor da sua «atitude» filosófica: «Assim, também se se perguntarem qual a sua atitude como se pensar fosse acto que comportasse atitude, se se perguntarem qual a sua atitude filosófica, ele dirá que é o céptico dogmático, ou o idealista materialista ou o dialecta ontólogo³¹». O que aqui exemplarmente o Autor exhibe é que a sua filosofia apropria-se da contradição para o seu mesmo desenvolver-se, o que de uma maneira diferente volta a exprimir ao

³⁰ *Ibidem*. O sublinhado é nosso.

³¹ *Ibidem*.

colocar na boca do leitor a pergunta: «... por que razão funda-se o filósofo contraditório em o ser e o não-ser?»³².

Estes textos revestem-se do maior interesse para nós porquanto neles o Autor entretece a abordagem explícita de temas ou de noções cépticas com um tratamento cumprido com certo desenvolvimento e insistência de cruciais passos conceptuais da sua mesma teoria, tal como esta vem a aparecer formulada na versão final da *Teoria do Ser e da Verdade*. Cite-se, à laia de exemplo, o que diz respeito ao sentido do enigma interpretado como nele se radicando a filosofia e o concernente à interrogação filosófica. Ademais, testemunhamos ao longo destes textos, a par de um constante aprofundamento do sondar de questões cruciais, um desenrolar evolutivo no que concerne o tratamento do cepticismo, progressivamente o Autor com ele mais se identificando e o incorporando no seu pensar. É ainda de assinalar que Marinho se mostra particularmente sensível a facetas menos abordadas do pensamento céptico, explorando-as com inteira originalidade e numa via pessoal muito própria. Sublinhe-se que, ao fazê-lo, ele acaba por operar sínteses e aproximações inéditas entre modalidades distintas do cepticismo filosófico. Um excelente exemplo é a coexistência de uma zetética que, como vimos, bem evoca a do pirronismo de Sexto Empírico, e que por Marinho é reinvestida de significado e densidades inovadoras, com o aprofundamento de um niilismo céptico pouco consentâneo com o fenomenismo sextiano.

Sublinhe-se, ainda, a importância de que se reveste o tratamento dado por Marinho ao que acima designámos de dimensão essencial do cepticismo: a assimilação da contraditoriedade ínsita ao pensamento como base de uma filosofia que ao mesmo tempo seja minimamente consequente e responda à principal objecção por tradição colocada a qualquer tipo de pensamento que se assuma céptico, a de incorrer em autocontradição. Consistiria esta em o céptico, ao dizer-se céptico, ao afirmar e defender o cepticismo, estar, por isso mesmo, a renunciar ao seu cepticismo. Na realidade, a forma como nestes textos e, de resto, na própria *Teoria do Ser e da Verdade* José Marinho leva a cabo a sua reflexão sobre os limites da contradição, incorporando o que nós chamamos de «autocontraditoriedade» na sua filosofia e no seu discurso, evoca, além de autores como Nicolau de Cusa, o pensamento pirrónico original da fase primitiva do pirronismo antigo (ou seja, aquela correspondente ao próprio Pírron de Élis e aos seus discípulos imediatos) tal qual ele vem sido interpretado pelos comentadores e historiadores que seguem a lição de Marcel Conche³³.

³² MARINHO, *Teoria do Ser e da Verdade*, op. cit., Tomo II, p. 840. O sublinhado é nosso.

³³ CONCHE, Marcel, *Pyrrhon ou l'apparence*, Éditions de Mégare, Villers sur Mer 1973.